

Jadilson Marinho da Silva
(Organizador)

DIVERSIDADE E INCLUSÃO:

Abordagens e experiências 2

 **Atena**
Editora
Ano 2022

Jadilson Marinho da Silva
(Organizador)

DIVERSIDADE E INCLUSÃO:

Abordagens e experiências 2

 **Atena**
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Diversidade e inclusão: abordagens e experiências 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Jadilson Marinho da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D618 Diversidade e inclusão: abordagens e experiências 2 /
Organizador Jadilson Marinho da Silva. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0674-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.747221409>

1. Diversidade cultural. 2. Inclusão social. I. Silva,
Jadilson Marinho da (Organizador). II. Título.

CDD 306.4

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

No capítulo 1, Isabel Cristina Chaves Lopes aborda o tema “Questões para pensar inclusão e diversidade social a partir da realidade das meninas negras”. A autora apresenta uma parte do relatório de um projeto de pesquisa e extensão acadêmicas, voltadas a dar ênfase ao conhecimento de subjetividades e individualidades de adolescentes, oriundas de territórios marcados por violências e precárias prestações de serviços por parte do Estado, através de políticas públicas.

No capítulo 2, Juliana Gomes da Silva Soares e Nathália Gomes Duarte abordam o tema “As representações sociais da adoção por casais homoafetivos”. Os participantes da pesquisa foram 40 estudantes de ensino superior, das diversas áreas do conhecimento, na cidade de Teresina-PI. A pesquisa demonstrou quais são as representações de estudantes de uma instituição privada de Teresina-PI, dos mais diversos cursos, acerca da adoção por parte de casais homoafetivos.

No capítulo 3, Edgar L. Martínez-Huamán, Cecilia Edith García Rivas Plata, Rosario Villar-Cortez, Roberto Leguía Hurtado, Dannya Arone Palomino, Emilia Villar Cortez abordam o tema “*Diversidade Cultural no Contexto Universitário: Significado para a Construção de uma Universidade Intercultural*”. Esse estudo é parte de uma investigação que buscou responder às realidades educacionais multiétnicas presentes no contexto universitário peruano.

No capítulo 4, Luciana Maria Santos de Arruda e Adriany de Ávila Melo Sampaio abordam o tema “*Materiais Didáticos Multissensoriais no Ensino de Geografia para Alunos com Deficiência Visual*”. As autoras apresentam uma parte da pesquisa de mestrado intitulada: O ensino de Geografia para alunos com Deficiência Visual: novas metodologias para abordar o conceito de paisagem. Nesse contexto, o objetivo dessa pesquisa foi a criação de materiais didáticos multissensoriais utilizando as experiências vividas pelos alunos na paisagem que compõem o Instituto Benjamin Constant (IBC), uma escola especializada no ensino de alunos com deficiência visual, localizada no bairro da Urca na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

No capítulo 5, Anífo Inusso Moniz Martinho analisa a pobreza no meio urbano, sobretudo as suas causas e consequências no bairro de Muatala, cidade de Nampula.

No capítulo 6, Cristina Nery Dutra aborda o tema “*Tornar-se um intérprete de libras é levar o conhecimento fecundo a aqueles desprovidos do dom de ouvir*”. Nesse estudo, a autora mostra a importância de os intérpretes de Libras atuarem em salas de aula, não visto somente como um processo linguístico, mas também como meio de cultura, respeito à gramática e os demais aspectos sociais, culturais e emocionais envolvidos na interação entre ouvintes e falantes e principalmente no auxílio para acontecer à troca de aprendizagem entre alunos portadores da deficiência auditiva e alunos falantes/ouvintes.

No capítulo 7, Raphael Aguiar Leal Campos e Lucas Salgueiro Lopes apresentar uma reflexão acerca da sociedade neoliberal e a convivência com a neurodiversidade, tendo como base o pensamento do filósofo Byung-Chul Han.

No capítulo 8, Cláudia Regina Costa Pacheco apresenta algumas reflexões sobre os Transtornos Funcionais Específicos - TFEs entendendo o que e quais são estes transtornos, suas peculiaridades, bem como as estratégias de ensino e de aprendizagem possíveis para se trabalhar no âmbito escolar.

No capítulo 9, Juliana Calabresi Voss Duarte e Elias Canuto Brandão falam sobre a violação e garantia dos direitos dos infanto-juvenis, com o intuito de compreender as violações sobre as garantias na diversidade dos direitos humanos ocorridos contra crianças e adolescentes.

Jadilson Marinho da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

QUESTÕES PARA PENSAR INCLUSÃO E DIVERSIDADE SOCIAL A PARTIR DA REALIDADE DAS MENINAS NEGRAS

Isabel Cristina Chaves Lopes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7472214091>

CAPÍTULO 2..... 6

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ADOÇÃO POR CASAIS HOMOAFETIVOS

Juliana Gomes da Silva Soares

Nathália Gomes Duarte

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7472214092>

CAPÍTULO 3..... 17

DIVERSIDAD CULTURAL EN EL CONTEXTO UNIVERSITARIO: SIGNIFICACIÓN PARA CONSTRUIR UNIVERSIDAD INTERCULTURAL

Edgar L. Martínez-Huamán

Cecilia Edith García Rivas Plata

Rosario Villar-Cortez

Roberto Leguía Hurtado

Dannya Arone Palomino

Emilia Villar Cortez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7472214093>

CAPÍTULO 4..... 30

MATERIAIS DIDÁTICOS MULTISSENSORIAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Luciana Maria Santos de Arruda

Adriany de Àvila Melo Sampaio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7472214094>

CAPÍTULO 5..... 45

POBREZA NO MEIO URBANO: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS NO BAIRRO DE MUATALA, CIDADE DE NAMPULA

Anifo Inusso Moniz Martinho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7472214095>

CAPÍTULO 6..... 57

TORNAR-SE UM INTÉRPRETE DE LIBRAS É LEVAR O CONHECIMENTO FECUNDO A ÀQUELES DESPROVIDOS DO DOM DE OUVIR

Cristina Nery Dutra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7472214096>

CAPÍTULO 7..... 63

SOCIEDADE DO DESEMPENHO, VIOLÊNCIA DO IGUAL E HOSPITALIDADE –

REFLEXÕES SOBRE A CONVIVÊNCIA COM A NEURODIVERSIDADE A PARTIR DO
PENSAMENTO DE BYUNG-CHUL HAN

Raphael Aguiar Leal Campos

Lucas Salgueiro Lopes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7472214097>

CAPÍTULO 8..... 70

TRANSTORNOS FUNCIONAIS ESPECÍFICOS NA ESCOLA: COMPREENDENDO
LIMITES E POSSIBILIDADES

Cláudia Regina Costa Pacheco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7472214098>

CAPÍTULO 9..... 80

VIOLAÇÃO E GARANTIA DOS DIREITOS DOS INFANTO-JUVENIS

Juliana Calabresi Voss Duarte

Elias Canuto Brandão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7472214099>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 90

ÍNDICE REMISSIVO..... 91

MATERIAIS DIDÁTICOS MULTISSENSÓRIAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Data de aceite: 01/09/2022

Luciana Maria Santos de Arruda

Instituto Benjamin Constant – IBC

Adriany de Ávila Melo Sampaio

LAGEPOP. IG. UFU

Este artigo faz parte da dissertação de Mestrado orientada pela professora Dr.^a Adriany de Ávila Melo Sampaio/ Instituto de Geografia (IG) -Universidade Federal de Uberlândia (UFU), defendida em: 2014.

RESUMO: As experiências didático-pedagógicas são necessárias para o processo de ensino e de aprendizagem em qualquer disciplina escolar. Mas quando falamos do Ensino de Geografia para alunos com deficiência visual, precisamos recontextualizar para que esse aluno possa construir o seu conhecimento através de experiências multissensoriais, nas quais os outros sentidos sejam utilizados. Repensar o Ensino de Geografia para alunos com deficiência visual no que tange ao conceito de paisagem, a partir de uma vivência sensorial, torna-se possível por meio da construção do conceito através de uma dimensão de texturas, aromas, sons e sabores, sendo necessário então explorar o tato, o olfato, a audição e o paladar. Isso é possível a partir de uma didática multissensorial e com materiais didáticos sensoriais. Para isso o objetivo da pesquisa de mestrado realizada no curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) foi a criação de

materiais didáticos multissensoriais utilizando as experiências vividas pelos alunos na paisagem que compõem o Instituto Benjamin Constant (IBC), uma escola especializada no ensino de alunos com deficiência visual, localizada no bairro da Urca na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Por meio de atividades sensoriais, foram construídos materiais didáticos que pudessem auxiliar os alunos na compreensão do conceito de paisagem e possibilitando a utilização dos sentidos. Para isso, o percurso casa-escola foi o ponto de partida para as observações das paisagens, a escolha por alunos cegos se deu pela proposta da pesquisa em utilizar os demais sentidos que não a visão, agregando estes aos materiais. Como resultado da pesquisa obteve-se: mapas mentais de cada aluno do seu trajeto casa-escola, mapas táteis de cada trajeto, fotografias áudio-descritas das paisagens escolhidas por cada aluno e uma maquete multissensorial de uma paisagem da escola escolhida em conjunto pelos alunos. O referencial teórico da pesquisa foi pautado em Tuan (2012) e Soler (1999), considerando acerca dessa paisagem multissensorial. Assim, pensar uma educação geográfica significativa independente do aluno e da realidade que o cerca é muito importante na sociedade inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Mapa em Alto Relevo. Audiodescrição. Maquete Tátil.

**MULTI-SENSORY TEACHING MATERIALS
NO GEOGRAPHY EDUCATION FOR
STUDENTS WITH VISUAL DEFICIENCY**

ABSTRACT: The didactic-pedagogical experiences

are necessary for the teaching and learning process in any discipline. But when we talk about the Teaching of Geography for students with visual impairment, we need to recast so that the student can build your knowledge through multi-sensorial experiences, in which the other senses are used. Rethink the teaching of Geography for students with visual disability with regard to the concept of landscape, from a sensory experience, becomes possible through the construction of the concept through a textures dimension scents, sounds and flavors, then explore the sense of touch, smell, hearing and taste. This is possible from a multi-sensory teaching and with teaching materials. The goal of the masters research held at the postgraduate course in geography Universidade Federal de Uberlândia (UFU) was the creation of teaching materials using the multi-sensorial experiences by students in landscape the Benjamin Constant Institute (IBC), a school that specializes in teaching students with visual impairment, in Urca in the South of the city of Rio de Janeiro. Through sensory activities, teaching materials were built that could assist students in understanding the concept of landscape and allowing the use of the senses. For that, the journey home-school was the starting point for the observations of landscapes, the choice for blind students took the research proposal using the other senses than sight, adding these to materials. As a result of the research we obtained: mental maps of each student of his home-school path, tactile maps of each path, audio-described photographs of the landscapes chosen by each student and a multisensory model of a school landscape chosen together by the students. The theoretical reference of the research was based on Tuan (2012) and Soler (1999), considering the approach of this multisensory landscape. So, think of a significant geographic education independent of the student and the reality that surrounds him is very important in inclusive society.

KEYWORDS: High Relief Map. Audiodescription. Tactile model.

INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte da pesquisa de mestrado intitulada: O ensino de Geografia para alunos com Deficiência Visual: novas metodologias para abordar o conceito de paisagem, resultado de oito anos de ensino da disciplina de Geografia para alunos com deficiência visual no Instituto Benjamin Constant (IBC), escola especializada no ensino de alunos cegos e com baixa visão. O estudo partiu da necessidade de que as pessoas com deficiência visual apresentam caminhos sensoriais diferentes e encontram dificuldades no processo de ensino e aprendizagem que podem ser minimizadas com o uso de materiais didáticos que possibilitem agregar os demais sentidos.

Quando falamos do ensino de Geografia para alunos com deficiência visual, precisamos recontextualizar para que esse aluno possa construir o seu conhecimento através de experiências multissensoriais, nas quais os outros sentidos sejam utilizados. Dessa forma, a presente pesquisa busca, através da utilização de materiais didáticos sensoriais, corroborar a relevância dessa metodologia no ensino de alunos com deficiência visual.

O conceito de paisagem foi o escolhido para a construção dos materiais didáticos sensoriais permitindo através de uma dimensão de texturas, aromas, sons e sabores,

apresentados a partir de uma vivência sensorial, isso é possível a partir de uma didática multissensorial e com materiais didáticos sensoriais. Sendo assim nos apropriamos dessa didática para trabalhar as novas abordagens de paisagens: a sonora e a olfativa, na junção com os demais sentidos, possibilitando a construção de uma paisagem multissensorial.

A maneira como as pessoas cegas percebem o mundo e se relacionam com ele sem dúvida passa pelos demais sentidos, não que os videntes também não utilizem todos os sentidos. Mas ver o mundo pelo o olfato, pelo paladar, pelo tato, pela audição enfim pelo corpo (sinestesia) toma a dimensão de um ato visível para uma pessoa cega, pois como Porto (2005, p. 25) afirma “o invisível aos olhos do cego não é invisível a sua sensibilidade, intencionalidade e interioridade”.

Esse ver com o corpo permite que os outros sentidos tornem-se centros geradores de uma nova percepção da paisagem. Então, o som da chuva permite que se saiba identificar uma paisagem, assim como cheiro que essa chuva deixa no contato com os elementos da paisagem. Exemplificamos na seguinte passagem de Sack (2010):

[...] ele escreveu que o som da chuva, ao qual nunca antes prestara atenção, agora podia delinear para ele toda uma paisagem: na calçada o som da chuva era um, na grama era outro. E assim por diante nos arbustos, na cerca que separava o jardim da rua (SACK, 2010, p. 180).

O tato, o olfato e o paladar são os sentidos da proximidade, enquanto que a audição e a visão são os sentidos da distância. Somente poderemos ter uma experiência multissensorial quando efetivamente estimularmos os nossos sentidos. Tuan (2013) sinaliza:

O paladar, o olfato, a sensibilidade da pele e a audição não podem individualmente (nem sequer talvez juntos) tornar-nos cientes de um mundo exterior habitado por objetos. No entanto, em combinação com as faculdades “espacializantes” da visão e do tato, esses sentidos essencialmente não distanciadores enriquecem muito nossa apreensão do caráter espacial e geométrico do mundo [...] (TUAN, 2013, p.22).

Essa paisagem faz parte da realidade de todos e, neste trabalho, apoiamos nas pesquisas de Soler (1999). Em sua obra, o autor discute a didática multissensorial para pessoas com deficiência visual e para videntes. Os materiais didáticos sensoriais desenvolvidos nesta pesquisa possuem a característica de agregar os sentidos para que os alunos percebam a paisagem e possam interpretá-la. Sendo assim apresentaremos as paisagens: sonora, olfativa e multissensorial que estão presentes nos materiais.

A paisagem sonora

Nesse início de século XXI, é grande o destaque dado à questão das paisagens sensoriais, e a paisagem sonora é uma delas. Em seu texto “o retorno da paisagem à Geografia”, Jorge Gaspar (2014) destaca termos novos no vocabulário geográfico que são: *soundscape* (paisagem sonora) e *smellscape* (paisagem olfativa).

A paisagem sonora é um termo cunhado pelo professor R Murray Schafer (2011) no livro “A afinação do mundo”, onde indica três elementos principais na paisagem sonora: sons fundamentais, sinais e marcas sonoras. Eles são definidos por Schafer (2011) da seguinte maneira:

Os **sons fundamentais** de uma paisagem são os sons criados por sua geografia e clima: água, vento, planícies, pássaros, insetos e animais. Muitos desses sons podem encerrar um significado arquétipo, isto é, podem ter-se imprimido tão profundamente nas pessoas que os ouvem que a vida sem eles seria sentida como um claro empobrecimento. Os **sinais** são sons destacados, ouvidos conscientemente. Qualquer som pode ser ouvido conscientemente e, desse modo, qualquer som pode tornar-se uma figura ou sinal. Não raro os sinais sonoros podem ser organizados dentro de códigos bastante elaborados, que permitem mensagens de considerável complexidade a serem transmitidas àqueles que podem interpretá-las. É o caso, por exemplo, da cor chasse (trompa de caça), ou dos apitos de trem ou navio. O termo **marca sonora** deriva de marco e se refere a um som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele lugar. Uma vez identificada a marca sonora, é necessário protegê-la porque as marcas sonoras tornam única a vida acústica da comunidade (SCHAFER,2011,p.26-27)

As paisagens sonoras imprimem características e identidades aos lugares, sendo evocados nas falas, nos sotaques, agindo diretamente em cada indivíduo. Todas as paisagens possuem seus sons fundamentais, os sinais próprios e as marcas sonoras. Então, podemos pensar que determinados sons caracterizam o *locus* da nossa pesquisa, o IBC.

Por isso, o interesse de agregar o som a um dos materiais produzidos na busca de uma maior significação da paisagem, de um elo afetivo entre o aluno e a paisagem do IBC. Sendo a paisagem sonora compreendida como todos os sons do ambiente, foi necessário fazer um recorte nessa paisagem para que possamos realizar a pesquisa, pois trabalhamos com duas paisagens sonoras do IBC.

A paisagem olfativa

A outra escolha sensorial inserida no material didático foi o olfato. Os cheiros também são fundamentais à orientação no espaço e para a sua caracterização. O próprio IBC possui odores específicos para cada paisagem ali encontrada. Os das salas de aula, dos corredores, do pátio interno quando a grama é cortada, do refeitório anunciando a preparação para o almoço, o cheiro das frutas nas árvores que estão próximas as salas de aula.

Esses odores provocam lembranças de experiências vividas e constroem mais uma vez uma afetividade com essas paisagens. Por exemplo, na paisagem onde ocorrem as atividades da educação física, vários são os odores que a compõem. Podemos falar do cheiro das árvores, do campo sintético, da piscina, do ginásio.

É importante lembrar que a percepção olfativa para pessoas com deficiência visual é

marcante, pois a partir dela se pode identificar a presença dos elementos que formam esta paisagem. Então, a presença de uma loja de roupas, do cheiro do pão da padaria, isto de fato contribui para a construção de uma paisagem.

Tuan (2012, p.26) ratifica que “o odor tem o poder de evocar lembranças vívidas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas”. Então, pode-se refletir que a paisagem olfativa agregada ao material didático pode contribuir para a análise da paisagem.

A paisagem multissensorial

A didática multissensorial é muito bem definida por Soler (1999, p. 45) como um método pedagógico para o ensino e aprendizagem que utiliza todos os sentidos humanos possíveis para captar informações do meio que nos rodeia. Nesta pesquisa, ela é experienciada, mas se faz necessário que o professor estimule os alunos a observar a paisagem com mais detalhes, que ele seja o mediador dessa experiência. Vale ressaltar que, os estudos de Soler foram aplicados no ensino da disciplina de Ciências, mas esta metodologia é possível ser trabalhada em todas as disciplinas e também podemos incluir todos os alunos, pessoas com deficiência visual ou videntes.

Esta didática viabiliza uma aprendizagem em que todos os canais perceptivos são importantes, não valorizando demais somente o visual, ou auditivo, e assim por diante. Na pesquisa de Ballestero-Alvarez intitulada “Multissensorialidade no Ensino de Desenho a Cegos”, o mesmo afirma que:

[...]entende-se por multissensorialidade a utilização de dois ou mais sentidos para a percepção sensorial ou aquisição sinestésica, relação que se estabelece espontaneamente entre uma percepção e outra (BALLESTERO-ALVAREZ, 2002, p.10).

Soler (1999), em seu estudo, classifica os sentidos em sintéticos e analíticos. Os sintéticos são aqueles em que percebemos o fenômeno de forma global, estes compreendem a visão, a audição, o olfato e o paladar. Já os sentidos analíticos são aqueles em que se percebe o fenômeno por meio do entendimento de partes do que está sendo observado – neste caso, o tato.

O ideal, segundo Soler (1999), é que o aluno seja capaz de combinar os sentidos analíticos e os sintéticos na construção do conhecimento. Quando a didática multissensorial é utilizada para a construção da paisagem multissensorial, os sentidos analíticos e sintéticos estão presentes nos materiais didáticos sensoriais – ora em conjunto, ora individualmente.

Portanto, deve-se considerar, no ensino de alunos com deficiência visual, a valorização e utilização dos sentidos: auditivo (áudio-livros, filmes com áudio-descrição), do tátil (mapas, globos e maquetes), do olfativo (material que transmita através do cheiro característica de um determinado lugar), o gustativo (alimentos de diferentes regiões). Também, a utilização de materiais com texturas e livros didáticos adaptados ou textos transcritos em braille e tipo ampliado.

OS LOCAIS DA PESQUISA E OS ALUNOS PARTICIPANTES

O Departamento de Educação (DED), formado por toda a escola do IBC, incluindo a 2ª Fase (6º ao 9º ano), é o local onde a pesquisa foi desenvolvida. A escolha por esta fase se deu pelo fato da pesquisadora ter um vínculo direto com o Departamento, por ser professora nesta Fase.

O quantitativo de alunos na 2ª Fase naquele momento da pesquisa era de 78 alunos: 47 alunos de baixa visão e 31 alunos cegos. Desses o número de alunos do 6º ano foi de 22 alunos, sendo somente três alunos cegos. Os três alunos cegos foram os participantes da pesquisa.

A divisão de produção e pesquisa de material especializado (DPME) é responsável pela produção e distribuição do material didático-pedagógico para instituições educacionais nacionais e estrangeiras. Levando-se em conta a maneira peculiar das pessoas com deficiência visual perceber a realidade, os recursos didáticos especializados são construídos com elementos sensíveis às suas percepções tátil-sinestésica, auditiva, olfativa e visual. Também são confeccionados materiais didáticos para atender desde a educação infantil até o ensino médio das disciplinas Matemática, Ciências, Geografia, História, Física, Química e as demais atividades desenvolvidas no instituto como orientação e mobilidade, Braille e outras.

O DPME participou da pesquisa na produção dos mapas táteis e da maquete multissensorial. A experiência adquirida ao longo dos anos possibilitou que a produção desses materiais ocorresse nessa divisão, e profissionais que ali trabalham puderam contribuir com seus conhecimentos. Para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência visual, tornam-se imprescindíveis nas escolas os recursos didáticos táteis confeccionados em diferentes texturas e também em *thermoform*¹.

Quanto ao critério utilizado para a escolha dos alunos participantes da pesquisa, não se caracterizou por estabelecer um perfil de aluno, e nem que fossem da mesma turma. Os fatores de seleção foram: alunos cegos e que deveriam estar no 6º ano do Ensino Fundamental. Vale ressaltar que, ao serem selecionados os alunos cegos não significou que fossem cegos totais, pois os alunos participantes possuem resíduo visual.

A escolha por alunos cegos se deu pela proposta da pesquisa em utilizar os demais sentidos que não a visão, agregando estes aos materiais, e a escolha do 6º ano foi em função dos conceitos-chave da Geografia serem estudados com maior profundidade nesse início da 2ª Fase, posteriormente sendo trabalhado nos demais anos e sendo escolhido o conceito de paisagem. Durante todo o processo da pesquisa se deu a utilização do braille e da tinta aos materiais didáticos produzidos. Para caracterizar os alunos e manter suas identidades preservadas, optamos pela colocação de números em vez de nomes fictícios:

¹ Segundo Sena (2008, p. 100) para a produção de cópias das matrizes feitas com as técnicas que utilizam alumínio ou colagem, podem ser utilizados alguns tipos de plástico (brailon, brailex, PVC ou PET). Os mapas são colocados em uma máquina Thermophorm. A máquina utiliza o calor e o vácuo para copiar no plástico as informações da matriz.

alunos 1, 2 e 3.

As atividades sensoriais desenvolvidas

Os materiais didáticos sensoriais produzidos nesta pesquisa foram resultantes de atividades sensoriais nas quais os alunos experienciaram a paisagem do trajeto casa-escola IBC e depois somente a escola IBC. A fase inicial foi uma conversa de esclarecimento sobre tudo que seria tratado na pesquisa, sendo também utilizado como metodologia o estudo do meio nas atividades referentes ao IBC. Todas as atividades foram realizadas no contraturno dos alunos (tarde), e as duas primeiras na sala de aula. As outras foram realizadas por meio de saídas da sala de aula.

As atividades sensoriais ocorreram em cinco etapas, da seguinte maneira:

1ª etapa: Trajeto casa-escola, constituiu-se de narrativas dos alunos sobre o percurso até o IBC, com observações a respeito dos cheiros e dos sons desse trajeto. Descrição do mapa mental de cada um e como observavam a mudança na paisagem.

2ª etapa: Desenho do mapa mental na tela de desenho. Todos, com suas especificidades, desenharam o seu trajeto casa-escola.

3ª etapa: Museu de maquetes do IBC. Houve apresentação da maquete da escola, onde foram observadas as paisagens da escola, informações sobre o espaço físico. Nesta etapa, foram questionados com quais espaços se identificavam e por quê, se era por conta do cheiro ou do som. Ao final, cada aluno escolheu duas paisagens da escola: uma que eles mais se identificavam e a outra com que não tinham nenhuma afeição.

4ª etapa: Paisagens sonoras e olfativas da escola. A atividade compreendeu o caminho da sala de aula até a paisagem escolhida por cada aluno. E foi realizada a identificação de cada paisagem a partir das descrições dos alunos.

5ª etapa: Fotografias de alunos participaram, em conjunto com a pesquisadora, do registro de fotografias das paisagens escolhidas. Todos foram *in loco* para a realização dessa atividade.

Os materiais didáticos sensoriais

Como resultado de todas as atividades obteve-se: mapas mentais de cada aluno do seu trajeto casa-escola, mapas táteis de cada trajeto, fotografias áudio-descritas das paisagens escolhidas por cada aluno e uma maquete multissensorial de uma paisagem da escola escolhida em conjunto pelos alunos. Na elaboração e produção desses materiais, foram utilizados, e também que todos eles foram testados com revisores cegos e depois aplicados com os alunos.

Segundo Cerqueira e Ferreira (1996, p. 26), para a construção de materiais didáticos sensoriais devem-se ser levar em conta: o tamanho do material (adequado aos alunos); significação tátil (diferentes texturas); aceitação (que não provoque no aluno uma

rejeição ao tocá-lo); estimulação visual (contraste de cores); fidelidade (ao modelo original); facilidade de manuseio (proporcionar ao aluno fácil utilização do material); resistência (maior durabilidade com o frequente manuseio) e segurança (não oferecendo nenhum risco ao aluno). Para a construção de materiais didáticos adaptados, existem diversas técnicas².

No caso de mapas e maquetes, é possível trabalhar desde materiais muito baratos até impressoras 3D. Para esta pesquisa, optou-se pela técnica de construção em colagem dos mapas e, na maquete, por materiais acessíveis e de diferentes texturas.

O mapa mental dos alunos

Essa atividade foi proposta para que os alunos representassem as paisagens do trajeto casa-escola, colocando as percepções que observam nesse percurso e como os outros sentidos trabalham em conjunto para que essa paisagem seja percebida. Nesta atividade, cada aluno foi descrevendo o seu trajeto. Segundo Kozel (2007, p. 120) “o conceito de mundo vivido, trazido pela fenomenologia passa a ser aporte significativo para entender os mapas mentais”. Dessa forma, esses mapas representam o mundo no qual esses alunos estão inseridos.

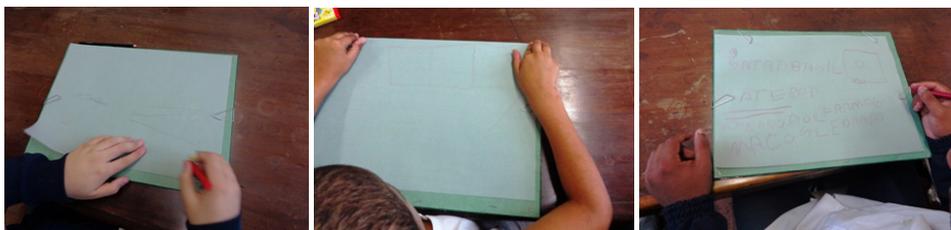


Figura 1: Mapas mentais– Alunos 1, 2 e 3

Foto de: ARRUDA, L. M. S, 2013.

Os mapas mentais descritos e com giz de cera pelos alunos nas telas de desenho apresentam a forma como esses alunos constroem e organizam as suas representações espaciais com autonomia. Essas representações são criadas a partir das percepções, lembranças e experiências nesses espaços. E representar esse espaço do cotidiano, eles estão representando o espaço vivido.

Chamamos aqui, de autonomia espacial, o processo de deslocamento no espaço escolar de modo independente no sentido de ter, em mente/no pensamento, a consolidação da organização espacial da escola. Desse modo, o aluno cego, consegue não somente se deslocar com mais confiança no espaço escolar, mas é capaz também de projetar no mesmo, inúmeras atividades a partir de suas práticas sociais, como brincadeiras. Isso porque o real concreto se torna, para o aluno, em real concebido. Esta é uma etapa importante no processo cognitivo do aluno, pois para que a criança cega consiga compreender de forma real as informações geográficas (ARRUDA et

² Consultar Sena (2008).

A autonomia espacial desses alunos passa, segundo Almeida; Passini (2008, p.26) “por níveis na construção do conhecimento: do vivido ao percebido e deste ao concebido”. No caso dos alunos, a construção dessa autonomia espacial ocorre por meio dos outros sentidos a partir das relações socioculturais destes. Isso pode ser observado nas descrições dos mapas mentais dos alunos até o IBC.

A segunda atividade, do desenho do mapa mental de cada um, estimulou a prosseguir a pesquisa na perspectiva de uma proposta cartográfica que, segundo Rocha (2008 *apud* NOGUEIRA, 2009, p. 162) “o mapa mental pode ser usado como um recurso para se chegar à elaboração de mapas cartográficos nos ensinos fundamental e médio”.

Os mapas táteis do percurso casa-escola

Com o resultado dos mapas mentais de cada aluno, a ideia foi transformá-los em mapa táteis para que os mesmos pudessem identificar no mapa da cidade do Rio de Janeiro- RJ os pontos indicados como referência. Desse modo, partiu-se para a construção destes no DPME, onde foi obtida toda estrutura para dar prosseguimento à pesquisa. Para uma melhor compreensão da organização do espaço geográfico, o uso da linguagem cartográfica é primordial, pois essa linguagem possibilita fazer a leitura desse espaço.

Dessa forma, o estudo cartográfico é de suma importância desde o início da escolaridade. O estudo das representações cartográficas contribui para além da compreensão de mapas: contribui também para que os alunos desenvolvam conhecimentos e capacidades relativos à representação do espaço vivido (ALMEIDA; ARRUDA; MIOTO, 2011, p.32).

Em se tratando de trabalhar a cartografia com alunos com deficiência visual, os mapas táteis que são produzidos em alto relevo para que pessoas com deficiência possam compreender a informação é o melhor material a ser utilizado. “São chamados mapas táteis quando estão em formato que possa ser decodificado pelo tato. Nesses casos, são construídos, com signos elevados (em relevo) em uma superfície plana e são direcionados a pessoas com deficiência visual (cegas e baixa visão) [...]” (ALMEIDA; CARMO; SENA, 2011, p. 378).

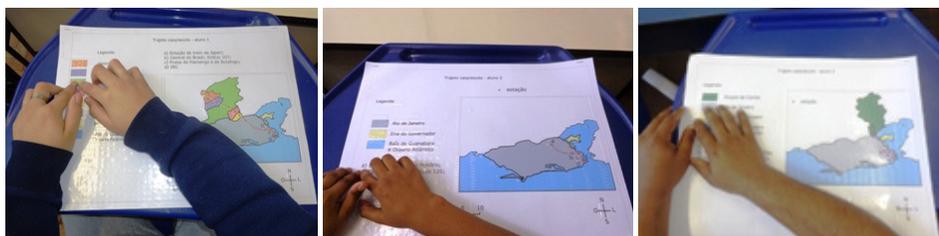


Figura 2: Mapas táteis– Alunos 1, 2 e 3

Foto de: ARRUDA, L. M. S, 2013.

A apresentação dos mapas para os alunos era sempre iniciada pelo título e, depois a leitura da legenda com o reconhecimento das texturas. Após isso, os alunos exploravam o posicionamento dos pontos cardeais e das escalas. Nos mapas, por representarem as distâncias dos municípios onde os alunos residiam até o bairro da Urca, foi necessário incluir os demais municípios pelos quais os alunos passaram nesse deslocamento.

Os alunos sinalizaram que já conheciam mapa tátil, mas também observaram que nem todas as informações são possíveis de serem incluídas no mapa. Quanto ao percurso, eles também conseguiram identificar as referências sinalizadas por eles nos mapas mentais.

Áudio-descrições(AD) das paisagens dos alunos

Os alunos fizeram as escolhas das paisagens a partir de experiências que tiveram no IBC durante os esses anos de estudo que resultaram em paisagens topofílicas e topofóbicas desses alunos. Para Tuan (2012, p. 140), “a natureza produz sensações deletáveis” e essas paisagens produzem nesses alunos sensações de bem-estar e de repulsa. Todas as paisagens escolhidas estão de alguma forma, no dia-a-dia dos alunos.

A áudio-descrição (AD) é a transformação de imagens em palavras (textos) tornando acessível às pessoas com deficiência visual eventos culturais como cinema, teatro, televisão, exposições em museus (quadros e esculturas). O seu principal objetivo, além de atingir as pessoas com deficiência, é também auxiliar as pessoas com deficiência intelectual e dislexia, entre outros.

A audiodescrição amplia, assim, o entendimento não somente das pessoas com deficiência visual, como também de pessoas com deficiência intelectual, pessoas com dislexia e pessoas idosas. Ou seja, uma plena participação dos diferentes públicos: que todos possam apreciar as artes e a cultura, com a eliminação de barreiras físicas, atitudinais e comunicacionais (MOTTA, 2010, p.58).

Áudio-descrições das paisagens:

Aluno 1: fotografia do pátio interno do Instituto Benjamin Constant, com gramado verde e aparado. À direita e ao fundo, prédios de três pavimentos na cor ocre, com janelas retangulares na cor cinza. Os prédios à direita são ligados aos demais por duas passagens. A primeira liga os prédios no segundo pavimento. A segunda, localizada no terceiro pavimento, é fechada com pequenas janelas. No centro do gramado, uma passagem coberta e apoiada por pilastras dos dois lados, por onde duas pessoas caminham. Ao fundo desses prédios, uma formação rochosa.



Figura 3: pátio interno

Foto de: ARRUDA, L. M. S, 2013.

Aluno 2: fotografia de um gramado verde e aparado onde são observados dois muros em forma perpendicular. Próximo ao muro da direita, que é branco, um aglomerado de bananeiras. Atrás desse muro há uma formação rochosa. Localizadas próximo ao muro da esquerda, duas mangueiras com frutos. A parte superior desse muro está pintada de branco e a parte inferior está com pedras à mostra.



Figura 4: área próxima a pista de corrida

Foto de: ARRUDA, L. M. S, 2013.

Aluno 3: fotografia da Praça dos Ledores, onde aparece uma cobertura de acrílico sustentada por vigas de madeira, sobre uma área cimentada rodeada por árvores. À esquerda, separado por uma tela de arame, um parquinho com dois brinquedos de plástico: um escorregador e uma casinha. Ao fundo, um banco de cimento e parte do primeiro e segundo pavimentos do prédio do IBC.



Figura 5: Praça dos Ledores

Foto de: ARRUDA, L. M. S, 2013.

O resultado desse material foi positivo e comprovou que realmente a AD proporcionou uma melhor compreensão das imagens dessas paisagens por parte dos alunos com deficiência visual. Isso possibilita mais um recurso pedagógico no Ensino de Geografia.

A maquete multissensorial

A maquete multissensorial foi pensada para reproduzir uma paisagem do IBC que permitisse aos alunos observar como esta era e como se apresenta hoje, com as várias mudanças ocorridas na escola. No caso, o campo de futebol do IBC, a partir da biblioteca Louis Braille, pois os alunos faziam várias perguntas sobre esta parte da escola. Na maquete, foram agregados os sentidos: tato, olfato e a audição na representação da paisagem que abarca desde a biblioteca Louis Braille até o morro localizado na parte de trás do IBC, compreendendo também a piscina e o ginásio.



Figura 6: Montagem da maquete
Foto de: ARRUDA, L. M. S, 2014.

A inserção do olfato na maquete se deu por meio de essência de mata na forma de *spray* sendo borrifado no relevo que encontra-se na maquete. A dúvida seria se, desta forma, o cheiro não se espalharia pela maquete como um todo. Mas sendo testado com uma única borrifada não comprometeu o material. Com relação à sonorização foram utilizados componentes de um rádio para a montagem sendo estes bem simples e de fácil acesso, sendo sonorizados na maquete o campo de futebol e a piscina. Vale ressaltar que a maquete foi construída no DPME, sendo desmontável para o transporte até a escola.

Testes dos alunos



Figura 7: testagem com os alunos 1, 2 e 3
Foto de: ARRUDA, L. M. S, 2014.

Em todo o processo de testagem da maquete, os alunos foram orientados pela pesquisadora-mestranda a partir da biblioteca e seguir os pontos com as legendas e atentar aos detalhes de cada objeto. Ao chegar na piscina, o som era ligado pela pesquisadora, assim como no campo também era acionado o mecanismo sonoro. As impressões deixadas pela utilização do som e do cheiro agregaram conhecimento para alguns e a outros não surpreendeu, pois, no conjunto como um todo eles seriam apenas um complemento.

A maquete e os demais materiais aqui construídos tiveram uma boa aceitação por todas as pessoas com deficiência visual envolvidas nos testes, possibilitando, assim, alternativas de metodologias no ensino e aprendizagem do conceito de paisagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar novas propostas para o conceito de paisagem por meio dos sentidos foi abordado na pesquisa, pois a paisagem sonora e a olfativa ainda são incipientes na Geografia. Mas a junção da percepção com a didática multissensorial permitiu uma reflexão sobre a construção de uma paisagem que abarque os sentidos.

Essa paisagem multissensorial possibilitou ser pensada a construção de materiais didáticos sensoriais utilizando diferentes linguagens e tratando da realidade que cerca esses alunos. Para isso, a paisagem do dia a dia do IBC foi o campo de inspiração. O material didático tátil aparece como uma ferramenta pedagógica para trabalhar o conceito, e também a didática multissensorial, a partir do relato em que os alunos eram incentivados a utilizar os sentidos para compreender a paisagem participando efetivamente das aulas.

Os materiais didáticos táteis são de suma importância, e as pessoas com deficiência visual precisam ser estimuladas a usarem esses materiais. Também é necessário que estes sejam funcionais e que possam propiciar a esses alunos um aprendizado da Geografia que os tornem cidadão críticos da realidade que os cercam. Não se esquecendo do professor como o grande mediador do processo de ensino e aprendizagem.

Vale ainda a utilização da áudio-descrição nas atividades em que diferentes linguagens possam ser trabalhadas: fotos, vídeos, filmes, entre outros. Nota-se que o desafio a ser vencido é a construção de novas metodologias no ensino de Geografia, que estimule o aluno com deficiência visual e os aproxime dos conteúdos abordados nas aulas, e que esses conteúdos façam sentido à realidade desse aluno. Com isso, obter novas estratégias de ensino e aprendizagem se faz necessário.

Criar materiais didáticos táteis funcionais, que possam enriquecer as aulas e contribuir para que o aluno possa compreender a disciplina. O aluno cego precisa dominar alguns materiais básicos, indispensáveis no processo ensino e aprendizagem e entre esses materiais, destacam-se: reglete e punção, textos transcritos em braille. O professor, principalmente, deve ler em braille, e saber fazer uso do mapa tátil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Diones Carlos de Souza; ARRUDA, Luciana Maria Santos de; MIOTTO, Ana Cristina Felipe. Prática de Ensino em Geografia no contexto do curso de qualificação de professores na área da deficiência visual. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, n.48, p.31-40, 2011.

ALMEIDA, Regina Araújo de; CARMO, Waldirene Ribeiro do; SENA, Carla Cristina Reinaldo Gimenes de. Técnicas Inclusivas de Ensino de Geografia. In: VENTURI, Luis Antonio Bittar, (Org.). Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula. São Paulo: Editora Sarandi, p. 356-380. 2011.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 96.

ARRUDA, Luciana Maria Santos de; BOAS, Priscila Baldner Villas; JÚNIOR, Hilton Marcos da COSTA Silva; MAGALHÃES, Gabrielle Ramalho de; ROCHA, Ana Angelita. **A Construção da Geografia Ensinada e Apreendida** – Um olhar no cotidiano escolar do Instituto Benjamin Constant. Anais. Encontro Nacional de Geógrafos, Porto Alegre, 2010. P. 121-124.

ARRUDA, L. M. S. **O ensino de Geografia para alunos com deficiência visual: novas metodologias para abordar o conceito de paisagem**. Dissertação de mestrado. Uberlândia, 2014. p. 149.

BALLESTERO-ALVAREZ, José Alfonso. **Multissensorialidade no ensino de desenho para cego**. 2002.121f. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. 2002.

CERQUEIRA, Jonir Bechara; FERREIRA, Elise de Melo Borba. Recursos Didáticos na Educação Especial. **Revista Benjamin Constant**, n. 5, p. 24-29, 1996.

GASPAR, Jorge. **O retorno da paisagem à geografia**. Finistera, XXXVI, 72, 2001, p. 83-99. Disponível em: <http://www.ceg.ul.pt/finistera/numeros/2001-72/72_08.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2014.

KOZEL, Salete. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; FILHO, Sylvio Fausto (Orgs). **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba, 2007.

MOTTA, Livia. A audiodescrição vai à ópera. In: **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

NOGUEIRA, Ruth E. **Motivações Hodiernas para ensinar Geografia**. Nova Letra: Florianópolis, 2009. P. 252.

PORTO, Eline. **A corporeidade do cego: novos olhares**. São Paulo: Unimep: Memnon, 2005. p. 127.

SACKS, Oliver. **O olhar da mente**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. Tradução Marisa Trench Fonterrada. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 382.

SENA, Carla Cristina Reinaldo Gimenes de. **Cartografia tátil no ensino de Geografia**: uma proposta metodológica de desenvolvimento e associação de recursos didáticos adaptados a pessoas com deficiência visual. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, FFLCH/USP. São Paulo. 2008.

SOLER, M. A. **Didáctica multisensorial de las ciencias**: um nuevo método para alumnos ciegos, deficientes visuales, y también sin problemas de visión. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1999. P. 263.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente; tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. p. 342.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência; tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adoção 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15

Adolescente 1, 5, 8, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 88

Aprendizagem 30, 31, 34, 35, 42, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 88

Audiodescrição 30, 39, 43

C

Cidade de Nampula 45, 46, 50, 51, 52, 53, 54

Criança 1, 3, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 37, 61, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 89

D

Desemprego 45, 48, 49, 51, 52, 54

Direitos dos infanto-juvenis 80, 83, 87

Direitos Humanos 60, 62, 68, 80, 85, 86, 87, 88

Diversidad cultural 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29

Diversidade social 1, 4

E

Escola 1, 2, 3, 4, 12, 15, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 41, 43, 48, 57, 59, 60, 61, 70, 71, 72, 75, 76, 78, 85, 86, 87, 88, 89

H

Homoparentalidade 6, 8, 9, 15

Homossexualidade 6, 14, 16

Hospitalidade 63, 65, 67, 68

I

Inclusão 1, 4, 10, 15, 57, 60, 61, 68, 72, 73, 75, 76, 79, 81

Inclusão social 1, 4, 68, 81

Interculturalización 17, 22, 24

M

Mapa em Alto Relevo 30

Maquete Tátil 30

Meio urbano 45, 46, 54

Meninas negras 1, 2

Mudança 11, 14, 36, 57, 76

N

Neurodiversidade 63, 64, 65, 68, 69

P

Pobreza 3, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 84

R

Representações sociais 6, 7, 8, 9, 10, 15, 16

S

Sociedade do desempenho 63, 65, 66, 67, 68

T

Transtornos funcionais específicos 70, 71, 72, 73, 74, 78, 79

U

Universidad intercultural 17, 18, 19, 20, 22, 24, 26, 27

V

Valores 19, 20, 44, 45, 53, 54, 57, 60, 61, 72

Violência da positividade 63, 65, 66, 67

Violência do igual 63, 65, 66, 67, 68

DIVERSIDADE E INCLUSÃO:

Abordagens e experiências 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2022

DIVERSIDADE E INCLUSÃO:

Abordagens e experiências 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2022